



NARRATIVAS DAS MULHERES DO JUDÔ VETERANO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

NARRATIVES OF WOMEN OF VETERAN JUDO IN THE STATE OF RIO DE JANEIRO

NARRATIVAS DE MUJERES DE JUDO VETERANO EN EL ESTADO DE RIO DE JANEIRO

Gabriela Conceição de Souza


<https://orcid.org/0000-0001-6493-1208> 


<https://lattes.cnpq.br/8243511478514528> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (Pinheiral, RJ – Brasil)

gabriela.souza@ifrj.edu.br

Felipe da Silva Triani


<https://orcid.org/0000-0001-6470-8823> 


<http://lattes.cnpq.br/6974478230916756> 

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

felipetriani@gmail.com

Silvio de Cassio Costa Telles

<https://orcid.org/0000-0003-2652-6118> 

<http://lattes.cnpq.br/9130913958427863> 

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

telles.ntg@terra.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as narrativas das mulheres que praticam judô na categoria acima de 30 anos de idade, conhecida como veteranos ou master, no Estado do Rio de Janeiro. Além disso, procuramos compreender como essas veteranas aderiram e migraram de classes, quais foram suas resistências e enfrentamentos para a permanência no judô veterano. Dar vez, voz e visibilidade a estas mulheres, nos possibilita incentivar que mais mulheres retornem a prática esportiva, seja na perspectiva do lazer ou como forma de ocupar espaços que insistem em apresentar entraves e resistência para sua permanência. Através da narrativa de cinco mulheres judocas veteranas, verificamos que: o apoio da família foi preponderante para a adesão e permanência; a idade não é um fator limitante para a adesão em nível competitivo; e os *sensei* tem um papel fundamental no resgate das mulheres que se afastam do judô.

Palavras-chave: Judô; Veteranas; Narrativa; Gênero.

Abstract

The objective of this article is to analyze the narratives of women who practice judo in the category over 30 years of age, known as veterans or masters, in the State of Rio de Janeiro. Furthermore, we sought to understand how these veterans joined and migrated between classes, what their resistance and confrontations were in remaining in veteran judo. Giving these women a voice, a voice and visibility allows us to encourage more women to return to sports, whether from a leisure perspective or as a way of occupying spaces that insist on presenting obstacles and resistance to their permanence. Through the narrative of five female veteran judokas, we found that: family support was preponderant for adherence and permanence; age is not a limiting factor for joining at a competitive level; and *sensei* have a fundamental role in rescuing women who are moving away from judo.

Keywords: Judo; Master; Narrative; Gender.



Resumen

El objetivo de este artículo es analizar las narrativas de mujeres que practican judo en la categoría mayor de 30 años, conocidas como veteranas o maestras, en el Estado de Río de Janeiro. Además, buscamos comprender cómo estos veteranos se incorporaron y migraron entre clases, cuáles fueron sus resistencias y enfrentamientos para permanecer en el judo veterano. Darle voz, voz y visibilidad a estas mujeres nos permite incentivar a más mujeres a volver al deporte, ya sea desde una perspectiva de ocio o como forma de ocupar espacios que insisten en presentar obstáculos y resistencias a su permanencia. A través de la narrativa de cinco judocas veteranas, encontramos que: el apoyo familiar fue preponderante para la adherencia y la permanencia; la edad no es un factor limitante para incorporarse a un nivel competitivo; y sensei tienen un papel fundamental en el rescate de las mujeres que se están alejando del judo.

Palabras clave: Judo; Veteranas; Narrativo; Género.

INTRODUÇÃO

Jigoro Kano criou o judô em 1882, no Japão, e tinha como principal objetivo desenvolver uma luta em que todos pudessem praticar independentemente da idade e, principalmente, buscando o desenvolvimento físico e mental em prol de um estilo de vida mais saudável, harmonioso, integrado com o meio ambiente e promovendo a sociabilização (Kano, 2008a; Kano, 2008b). Em 1972, o judô se tornou modalidade olímpica, apenas na categoria masculina, as mulheres só estrearam nesse evento em 1992 (Souza; Mourão, 2011).

A iniciação a prática do judô se dá desde a infância, tanto que é possível identificar crianças com 2 anos de idade já iniciando no judô em creches e academias, mesmo que de forma mais lúdica, sem qualquer compromisso com aspectos técnicos do judô. Entretanto, de acordo com a Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro (FJERJ, 2019) as competições para o alto rendimento devem ocorrer apenas após os 13 anos de idade, de forma que até essa idade os festivais e eventos mais voltados a integração e sociabilização entre os praticantes, e não as competições, deveriam ser estimulados. Quando os atletas chegam aos 21 anos passam a pertencer a classe Sênior, sendo essa, a única categoria em Jogos Olímpicos, o que traz mais prestígio e atenção para esse público, sem limite máximo de idade. Entretanto, a média de idade dos lutadores de judô na classe sênior no alto rendimento está entre 20 e 28 anos de idade, raros são os casos de atletas em Jogos Olímpicos acima de 30 anos, tanto no feminino quanto no masculino (FRANCHINI; DEL VECCHIO, 2010).

Embora o movimento dos veteranos do judô, sobretudo no Rio de Janeiro, tenha iniciado em treinos aos finais de semana com objetivo de reunir judocas já afastados das competições e dos treinamentos regulares, decorrentes das demandas laborais e familiares, ao final dos anos de 1980, foi criada a classe veteranos nas competições, que durante um período foi conhecida como máster, que consiste em uma classe de idade acima de 30 anos, de maneira





que o judoca pudesse optar em participar da classe sênior ou veteranos, ou nas duas classes ao mesmo tempo (WANDERLEY, 2001).

Sendo a exigência do nível de condicionamento físico elevado na classe sênior, não é raro observamos em competições judocas que, após os 30 anos, optam por competir apenas na classe veteranos. Além disso, outro fator que contribui para a migração das classes está nas tarefas de cunho pessoal e profissional que o avançar da idade demanda, tendo em vista que a frequência nos treinamentos diminui, gerando não apenas perda no condicionamento físico, como também técnico e, conseqüentemente, maior possibilidade de lesões (SCHNEIDER, 2012).

A classe de veteranos no judô brasileiro é separada, além de feminino e masculino, em subclasses de 1 a 11, de maneira que 1 corresponde a atletas de 30 a 34 anos; a 2 de 35 a 39 anos; a 3 de 40 a 44 anos, a 4 de 45-49 anos, a 5 de 50 a 54 anos, a 6 de 55 a 59 anos, a 7 de 60 a 64 anos, a 8 de 65 a 69 anos, a 9 de 70 a 74 anos, a 10 de 75 a 79 anos e a 11 acima de 80 anos. As categorias de peso são as mesmas da classe sênior, porém o tempo de luta é reduzido em 1 minuto, sendo de 3 minutos de luta para os veteranos (FJERJ, 2020).

Desde 2009 a Federação Internacional de Judô (FIJ) promove, oficialmente, o campeonato mundial da categoria. Na primeira edição, na Alemanha, participaram cerca de 900 judocas de 42 países, com idades variando de 30 aos 79 anos. No entanto, desde 2000 aproximadamente, existem competições de judô nessa classe organizadas por uma instituição independente. O primeiro evento com participação de brasileiros foi em 2001, nos Estados Unidos. Além disso, esses eventos já tiveram início com competições de kata também (SCHNEIDER, 2012).

No Rio de Janeiro há registros de grupos de veteranos em competição na classe masculino desde 1986 (WANDERLEY, 2001). Entretanto, as mulheres apenas começaram a participar de campeonatos veteranos em 2011 no Rio de Janeiro, embora a adesão tenha sido baixa, de forma que muitas categorias ou não tinham mulheres para competir ou eram competidoras únicas. Dessa forma, não eram raros os casos em que juntavam duas categorias de peso e classes de idade para que elas pudessem lutar.

Se por um lado estimulava a participação de algumas por saberem que lutariam, independentemente de ter mulheres na própria categoria e classe, por outro, aumentava as chances de lesões, por não ser seguro flexibilizar as classes e categorias, assim como desestimulava, por não representar a realidade das competições.





Apesar da participação de mulheres no judô brasileiro de alto rendimento ter início nos anos de 1980, o que torna este seguimento de modalidade recente segundo Souza e Mourão (2011), o objetivo deste artigo é analisar as narrativas das mulheres que lutam judô na categoria veteranos no Estado do Rio de Janeiro. Além disso, temos como objetivos específicos: a) identificar se os enfrentamentos nesse esporte permanecerem ao longo das décadas (SOUZA et al., 2015); b) compreender como essas veteranas aderiram e migraram de classes; e c) quais foram suas resistências e enfrentamentos para a permanência no judô veterano.

Dar vez, voz e visibilidade a estas mulheres, nos possibilita incentivar que mais mulheres retornem a prática esportiva, seja na perspectiva do lazer ou como forma de ocupar espaços que insistem em apresentar entraves e resistência para sua permanência. Ao problematizarmos as questões de gênero que atravessam as relações geracionais, Pereira (2019) nos ajuda a compreender através de mulheres atletas veteranas, que estas subvertem normas estipuladas culturalmente ao longo dos séculos. O que antes deveriam ser mulheres que envelheceriam para serem avós, se constrói com a possibilidade da prática esportiva e da autonomia e independência, mulheres que se desconectam da realidade patriarcal imposta a elas. Neste sentido, o estudo em tela, nos fornece condições de discutir junto a autora, que mulheres podem fazer o que desejam independentemente da idade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo de natureza qualitativa, utiliza da pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015) como recurso metodológico. Para os autores, a narrativa é pensada a partir do sujeito com suas dimensões pessoais e sociais. Desta forma, a constante interação nos meios sociais, permite que experiências sejam vividas influenciando em suas narrativas. A interpretação das narrativas, a partir do pesquisador, deve ser feita considerando os contextos sociais.

Acreditamos que a pesquisa narrativa pode provocar mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Distanciando-se do momento de sua produção, é possível fazer uma nova leitura de si mesmo. A pesquisa narrativa é um estudo da experiência como história, assim, é principalmente uma forma de pensar sobre a experiência, que pode ser desenvolvida apenas pelo contar de histórias, ou pelo vivenciar de histórias. A narrativa é o método de pesquisa e ao mesmo tempo o fenômeno pesquisado (SAHAGOFF, 2015, p. 6).





Neste sentido, a opção pela pesquisa narrativa está relacionada a forma como as cinco mulheres aqui entrevistadas fornecem suas narrativas, que nos permite refletir sobre um contexto histórico, mas também de como suas experiências no judô impactam na participação de outras mulheres em qualquer prática esportiva.

Sendo assim, entrevistamos cinco (5) mulheres que participam de competições de judô no Estado do Rio de Janeiro na classe veteranos. Elas serão identificadas como: V (veterana)1, V2, V3, V4 e V5. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Rio de Janeiro, com o parecer 3.569.921.

Das entrevistadas, no momento da pesquisa, V1 tinha 59 anos de idade, estava no 3º grau (dan) da faixa preta e era professora de Educação Física; V2 tinha 47 anos, estava no 2º grau (dan) e era funcionária pública municipal do Rio de Janeiro; V3 e V4 tinha 36 anos de idade, e ambas estavam no 3º grau (dan) da faixa preta, sendo V3 professora de Educação Física e V4 professora de Educação Física e Fisioterapeuta; e, por fim, V5 tinha 32 anos, estava no 2º grau (dan) da faixa preta, e era professora de Educação Física.

A participação destas atletas em competições se caracteriza pelo nível internacional de V1, V2 e V5, que já participaram de campeonatos mundiais. V3 e V4 são de nível nacional, tendo participado de eventos apenas em território brasileiro. Já V4 fez parte da gestão da associação de judô para veteranos do Rio de Janeiro.

O roteiro da entrevista foi adaptado de Souza (2008) e Brum (2016), por utilizarem questões semiestruturadas com mulheres do judô. A adaptação foi relacionar as questões dos estudos citados a realidade do judô de veteranas. Desta forma, foram elaboradas três categorias a priori, ou seja, as questões já foram elaboradas seguindo as categorias estipuladas com o auxílio dos estudos de Souza (2008) e Brum (2016): a) adesão e permanência; b) transição de sênior para veteranos; c) resistências e enfrentamentos na classe veteranos. Ao todo foram vinte e duas questões. As entrevistas foram realizadas com a utilização de uma plataforma digital em formato de videochamada, como isso, foi possível gravá-las e posteriormente transcrevê-las para posterior análise.

AS NARRATIVAS DAS VETERANAS DO JUDÔ DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

As cinco mulheres entrevistadas representam a síntese do grupo de mulheres que atravessa todas as identidades presentes no universo do judô, tendo em vista as que passaram por situações de preconceitos em praticar judô (SOUZA; MOURÃO, 2011), as que abandonaram





o judô por pressão familiar ou para ter filhos, as que aderiram ao judô já em idade avançada, as que não interromperam o judô para ter seus filhos, casadas ou solteiras (SOUZA et al., 2015), as que superaram problemas financeiros para arcar com as despesas do esporte (Souza; Mourão, 2011) e as que vêm no judô uma forma de viver bem e com qualidade (Brum, 2016). Por isso, mesmo que tenhamos dado voz à cinco atletas, em um universo de tantas mulheres num único estado do território brasileiro, é possível afirmar que há uma representação significativa do universo judoístico feminino, mas que não esgota o tema de forma alguma, tornando necessária a identificação e visibilidade de mais histórias veteranas, levando em consideração suas especificidades históricas e culturais.

Sobre Adesão e Permanência

Nas narrativas dessas mulheres, foi possível identificar os mais variados contextos de adesão ao judô, considerando que todas começaram a praticar o judô nos anos de 1990. A entrevistada que aderiu há mais tempo foi a V2 em 1990, mas ela não é a mais velha, tendo 47 anos, e a mais recente a ingressar no judô foi V4, em 1997 e, também, não é a de menor idade do grupo, com 36 anos.

Por outro lado, considerando a idade em que aderiram, encontramos V1 que, apenas após a morte do pai, pôde entrar para o judô, já com 38 anos de idade, mesmo contrariando a vontade da família, quando a criticaram pela adesão já na fase adulta. Enquanto V5, aos 7 anos de idade consegue praticar o judô, mesmo que com a restrição imposta por sua mãe de que seu irmão deveria estar sempre presente.

Eu, eu comecei o judô com 38 anos de idade, assim, depois do falecimento dos meus pais, cai num processo de depressão, que eu nem sabia que essa palavra existia. Eu me sentia muito pra baixo, então eu vou fazer alguma coisa que faça que eu recupere a minha autoestima, minha vontade de lutar pelo que eu quero. Eu comecei no dia 4 de janeiro de 1998, comecei a fazer o judô, eu estava com 37 para 38 anos de idade, eu falei "vou fazer judô porque quero me manter em movimento, quero me manter ativa". Eu comecei numa igreja evangélica aqui no bairro onde eu moro, com um professor que se dizia faixa preta e não era faixa preta coisa nenhuma, mas pelo menos ele mostrava que sabia um pouco de judô, então assim "eu vou fazer judô pra sair desse quadro de depressão", eu sofri críticas dos meus sobrinhos "você com quase 40 anos fazendo judô?", aí o rapaz que era faixa verde na época falou "ó pelo menos ela tem uma coisa que vocês não tem, força de vontade" (V1).

Eu comecei com 7 anos, então eu sempre brincava muito de lutar, sempre tive uma adoração, uma fascinação pelo mundo da luta[...]. Um professor, ela foi dar uma aula experimental na escola que eu estudava [...]. Eu ficava falando





pra minha mãe que eu queria muito lutar, e a minha mãe ela não permitiu, né? De cara ela falou que não, na hora “não, claro que não!”. Eu lembro que foi uma briga [...]. Depois de muita insistência ela permitiu com o meu irmão também tendo que fazer, meu irmão odiava e eu amava [...]. E eu com péssimas notas, eu era uma péssima aluna [...]. E aí acabou que a minha mãe me tirou do judô, por causa das notas baixas [...]. E eu falei para ela que um dia eu ia voltar, aí ela “então você volte com seu dinheiro!” [...]. Então todo mundo (V5 e os irmãos) foi pra escola pública[...] e lá tinha os clubes escolares, e lá tinha o judô [...] e aí eu voltei pro judô dessa forma, peguei o quimono que era do meu irmão, que naquela época cabia em mim já, ele era mais velho do que eu, e ali eu comecei a fazer judô, a princípio eu não falei pra minha mãe. [...] Fiquei quase um ano sem a minha mãe saber que eu estava fazendo judô lá. Eu lavava meu quimono, eu secava na escola, eu dava pra uma amiga, eu dava o meu jeito, até que eu falei pra ela que eu estava fazendo, ela ficou chateadíssima pela mentira e tudo mais, mas, enfim, aceitou e dali eu nunca mais parei, eu faço judô então desde os 12 anos (V5).

Os motivos de adesão ao judô por parte das veteranas 2, 3 e 4 variam de falta de opção de esportes na Vila Olímpica, onde só havia o judô (V3); amor às artes marciais em geral optando pelo judô (V2) e necessidade de defesa pessoal para combater o *bullying* que sofria na escola (V4), respectivamente. A seguir saiba como foi essa adesão.

Eu fui assistir a uma aula de judô porque desde criança eu sempre fui apaixonada por artes marciais, então eu assistia muito filme do Bruce Lee, e eu pedia ao meu pai e minha mãe pra me colocar pra eu fazer[...]. Então, eu com 16 anos, abriu uma academia de judô perto de casa, na rua atrás da minha casa. E eu peguei minha bicicleta e fui assistir a aula de judô. Cheguei lá, fiquei assistindo e tal, eu me apaixonei pelo judô. Aí passei a ir todos os treinos pra assistir, eu não fazia, eu só ia assistir, porque minha mãe e meu pai não tinham condições de me colocar no judô [...]. Aí eu cheguei pra o meu pai e falei, “pai, arruma alguma coisa pra eu fazer aqui na oficina, você não precisa me pagar não, paga só o judô pra mim” [...]. Aí ele foi falar com a minha mãe, aí minha mãe falou “não, não tem dinheiro”, minha mãe sempre botava o pé atrás, [...] mas conclusão: minha mãe alegou que não tinha dinheiro pra comprar o quimono, eu fui e pedi o quimono a minha madrinha, minha madrinha concordou,[...] e meu pai falou pra minha mãe que ele ia me ensinar a lustrar os armários [...] isso daí ao invés de ele pagar uma pessoa pra fazer, ele pagaria o judô pra mim, e eu peguei e concordei (V2).

Na narrativa de V2, foi possível perceber que o apoio da família para a adesão e permanência ao judô apareceu após sua transição para a classe de veteranos como explica: “Só que isso [apoio] eu não tinha quando eu era sênior, eu não tinha esse apoio deles, quando eu era sênior, [...]. O que era para ser no começo, está sendo agora”.

No caso de V3, a necessidade de praticar esportes a levou para o judô, embora essa não tivesse sido sua primeira opção, como explica a seguir.

Eu comecei quando eu tinha acho que 12 anos aproximadamente, no Centro Esportivo [...], que é público, minha mãe me levou pra fazer algum esporte, pra ver se eu acalmava, eu era uma criança agitada, um pouquinho brigona,





chegando lá não tinha vaga pro que eu queria, vôlei, ou handebol, só tinha vaga pra luta (V3).

De acordo com Souza e Mourão (2011) e Brum (2016), os motivos de adesão das mulheres ao judô estavam relacionados ao gosto pelas práticas das lutas. Entretanto, as autoras apontam que essas mulheres aderiram em um período de proibição do judô feminino pelo decreto-lei 3199 de 1941, diferente das entrevistadas, que aderiram quase vinte anos depois da legalização do judô no país, e apontam o papel da família como determinante da permanência ou abandono da prática.

No caso de V3, o casamento e as obrigações acadêmicas a levaram a se afastar temporariamente do judô. Esse fenômeno é encontrado em estudos que analisam os motivos de abandono dos esportes em fase jovem de meninos e mulheres, onde os maiores motivos encontrados foram estudos em primeiro lugar seguido de tempo para namoro e amizades no caso das meninas (BARA et al., 2005; BARA et al., 2008). V3 explica a seguir:

Quando eu me casei com o meu marido eu já fazia judô, ele não gostava muito, mas eu fazia, e assim, ele era muito preconceituoso, ele achava que judô era só agarramento, ele dizia isso, que eu ia lá pra me agarrar com os meninos [...]. Mas aí ele implicou tanto que eu até me afastei uma época (V3).

No entanto, embora essa seja uma realidade no judô brasileiro e em outras áreas também, onde as mulheres acabam abandonando os esportes para a formação da família e por pressão dos maridos, sobretudo em esportes que eram considerados mais apropriados aos homens (SOUZA et al., 2015), isso não foi percebido nas outras informantes.

Comecei a fazer o judô quando criança eu tinha 10 anos, e eu iniciei pra fazer como defesa pessoal. Mas sempre fui muito boba, então eu apanhava dos amigos na escola, todo mundo mexia comigo porque eu era grande. Eu tinha já seio já muito grande, e eu sendo menina minha mãe falou "não, você tem que fazer alguma coisa pra você se defender, pra pelo menos ter uma autoestima mais elevada e falar "não, você não vai mexer comigo", e aí ela me colocou na luta, eu comecei a treinar judô e jiu-jitsu junto, com 10 anos (V4).

No caso das veteranas, representadas por duas delas, encontramos em V3 que abandonou o judô e somente retornou quando encontrou alguém que a apoiasse, como explica: "Aí depois que ele [o filho] já estava maiorzinho eu acabei me separando, fiquei um tempo sozinha e encontrei uma pessoa que gosta de judô, assim como eu, e me acompanha, não implica de eu ir". Enquanto V4, casada com um judoca, não foi pressionada a abandonar o judô, provavelmente por seu marido também ser judoca, com quem teve uma filha.



Transição do Sênior Para os Veteranos

A representação das cinco entrevistadas contempla o universo de mulheres que voltam ao judô de competição após os 30 anos de idade, diferente do ocorrido com V1. Nestes casos elas não chegaram a participar da categoria sênior (classe após 21 anos de idade). Neste contexto, suas pretensões não são ir a Jogos Olímpicos ou eventos esportivos deste nível, mas sim participar de eventos internacionais para a classe veteranos.

Sendo assim, dentre as entrevistas, quatro delas aderiram ao judô ainda novas e participaram de competições ainda na classe sênior. Ao serem questionadas como foi essa transição da classe sênior para a veteranos, ficou evidente que foi preciso um tempo para reconhecer que o corpo já não está mais aguentando o condicionamento físico das mulheres da classe sênior, que em muitos casos eram ainda mais novas do que 21 anos recém participantes na categoria sênior. Algumas de suas adversárias na classe sênior tinham entre 16 e 18 anos, com investimentos para se desenvolverem no alto rendimento. Essa condição para participar das competições estava se tornando até perigosa, tendo em vista que o tipo de treinamento e até de objetivos, não era mais o mesmo.

De acordo com V2: “o sênior para mim já estava ficando muito forte, eu cheguei a lutar com a Rafaela Silva, tá entendendo? Duas vezes, e já estava ficando muito pesado para mim [...] porque eu entendi que a hora já era de eu ficar só, não precisava mais me expor”. No caso de V2, a preocupação em manter a integridade física para não comprometer o trabalho que era sua primeira fonte de renda, se tornou um fator determinante para a decisão de não competir mais na classe sênior: “eu tinha medo de me machucar e demorar a me recuperar, e eu pensava muito no meu trabalho” (V2).

A realidade de lutas em duas categorias simultâneas (sênior e veteranos) aconteceu para três das entrevistadas (V2, V4 e V5). No entanto, todas elas perceberam que o corpo já não estava mais suportando o ritmo de competição contra atletas que buscavam vagas na seleção nacional e o temor por lesões se tornou uma constante tendo em vista que havia outras prioridades com objetivo de sustento de suas carreiras profissionais.

Na realidade do Rio de Janeiro, de acordo com a FJERJ (2020), em seu regulamento, na Seção I – Competições, existem dois tipos de competições: Circuito Estadual, o qual os atletas somam pontos para um ranking que os classifica para representar o Estado em eventos regionais e nacionais; e outro tipo de competição chamado de Circuito Rio de Janeiro, em que os participantes não somam pontos e participam por lazer, ou para ter a oportunidade de





adquirir experiências em competições até que possam migrar para as competições do Circuito Estadual. Entretanto, no Art. 3º, acerca do Circuito Rio de Janeiro não existe a classe feminina para faixas pretas no sênior. Isso quer dizer que, as mulheres faixas pretas que já não aguentam mais o nível sênior no Circuito Estadual são obrigadas a permanecer neste tipo de evento se quiserem continuar competindo, porém, considerando os achados de Franchine e Del Vecchio (2010), no que diz que a média de idade dos lutadores de judô na classe sênior no alto rendimento está entre 20 e 28 anos de idade, as mulheres acabam sendo obrigadas a abandonar as competições diminuindo suas chances de retorno após completar 30 anos de idade e se enquadrar na classe de veteranos.

Por outro lado, estados como São Paulo, não possuem estes dois circuitos, de forma que as mulheres acabam por se acostumar em competir com atletas do sênior até que possam migrar para os veteranos, ao completar 30 anos, sem que tenham tido interrupções. Por isso, é relevante que se observe a realidade de cada estado para compreender os motivos de adesão, mas também de permanência destas mulheres no judô competitivo.

No caso de V3, ficou evidente o papel do seu professor de judô (sensei) neste momento de transição, quando a recrutou tão logo ela havia completado 30 anos, após seu período de afastamento das competições.

Aí depois quando eu completei 30, aí eu o professor falou: "Porque você não volta pra classe veteranos?" Aí eu: "não estou em condições de voltar, condições físicas de voltar, eu tenho que voltar a treinar". Aí ele falou: "não, tá todo mundo lá na mesma condição que você, todo mundo já mais velho, o pessoal também trabalha, tem família, é um outro ritmo". E eu até me enganei achando que era um ritmo mais fraco, e não é. Porque na minha categoria é difícil ter gente, mas é um pessoal bem forte. [...] Teve até um episódio, que eu, já veterana, entrei numa competição sênior só porque eu queria aquela medalha (risos), cheguei lá estava na minha categoria, estava sozinha, aí veio uma menina que estava na seleção na época: "eu pedi pra mudar de categoria pra lutar com você, porque eu estava sozinha". Nossa! A menina me deu um sufoco (risos) correu pra cá, correu pra lá, e eu sem gás pra correr atrás dela pra pegar, aí ela me ganhou por ponto, aí foi quando eu realmente vi: "não, não dá pra mim, correr atrás dessas meninas de 20 anos não (risos)! Vou pros veteranos que lá tá melhor pra mim" (V3).

Resistências e Enfrentamentos na Classe Veteranos

Tendo em vista que a classe de veteranos recebe atletas, em sua maior parte, que já praticam judô em nível competitivo há anos, as resistências na permanência nesta classe se resumem a apoio financeiro para continuar participando de competições como apontado por V1, V2 e V5.





A federação nunca nos patrocinou em nada, nunca deu um, um agasalho, uma camiseta, um boné, não dá, porque eu ouvi de um kodansha que o veterano dava muito prejuízo a federação, [...] embora enfrentando muitos preconceitos, muitas críticas” (V1).

Ah as dificuldades que eu tive foram mais financeiras né, dinheiro, não ter dinheiro, porque é tudo muito caro, eu tinha que, muitas das vezes eu fui para competições sem poder gastar dinheiro com a alimentação (V2).

Nada, a gente não recebe nada, assim, eu acho que a CBJ usa e abusa do atleta máster, porque eu acho que eles partem do... do pressuposto que o atleta máster é aquele atleta que pode se bancar né, geralmente aquele coroa que está bem de vida e quer ir lá fazer o seu judô sabe? (V5)

Para Schneider (2012), que estudou os judocas veteranos do Rio Grande do Sul, também foi possível perceber que os custos em competições eram elevados e totalmente financiados pelos próprios atletas, embora isso limitasse a participação de muitos judocas. Assim como identificamos na narrativa da entrevistada V5 se referindo ao apoio recebido pelos órgãos organizadores do judô veteranos.

Além da falta de apoio financeiros das instituições, agremiações, federações e confederação, os custos com passagens, traslados, estadia e alimentação, há custos com o *judogi* (vestimenta própria para o judô), que precisa ser homologado pela Federação Internacional de Judô, a fim de garantir o cumprimento dos padrões oficiais (FJERJ, 2020), nas cores azul e branco, tornando ainda mais oneroso o custo da participação em competições nesta classe. Neste sentido, o judô se torna um esporte não tão acessível financeiramente, corroborando a fala de V5 e os estudos de Schneider (2012), mas que não as impede de participar das competições.

É uma viagem internacional, é um quimono que agora, é um quimono, ele tem que ter o selo da FIJ, então é caro pra caramba, um quimono mais barato é mil reais cada um. Então assim, sinceramente, eu, quando eu penso, por que que eu estou gastando tanto dinheiro, para entrar na porrada com as estrangeiras? Sabe? Mas acho que é isso: eu preciso viver aquilo (V5).

Outro aspecto das resistências enfrentadas pelas mulheres, está associado a participação majoritária de homens que acabam por tomar as decisões dos caminhos que o judô feminino deve seguir, assim como apontado nos estudos de Souza e Mourão (2011) e Brum (2016). No entanto, as mulheres veteranas, pelo tempo de prática e o prestígio de suas graduações avançadas na faixa preta, consolidaram suas participações no meio judoístico e possuem um reconhecimento de seus feitos, como atletas e senseis. Neste sentido em 2020, a associação de judô veteranos do Rio de Janeiro decidiu criar um espaço destinado às





necessidades do judô feminino do Rio de Janeiro, criando um departamento de judô feminino para veteranos, vinculado a Direção Técnica da entidade.

Como uma das integrantes da gestão na associação de veteranos do Rio de Janeiro no departamento feminino, V4 enfrenta os mesmos problemas apontados por mulheres na gestão do esporte apresentados por Gomes (2008) e Souza e colaboradores (2015) quando os homens criam barreiras em aceitar mulheres em cargos de decisão e questionam a todo instante suas decisões e sugestões.

Outro motivo de resistência em se manter como atleta da classe sênior foi apontado por V3, no que se refere a conseguir frequentar os treinamentos e ainda manter a rotina de trabalho, cuidado com a família e a preparação física.

Maior dificuldade é conseguir manter os treinos, porque a gente consegue se inscrever, participar, mesmo que você vá tomar um couro. Só que, pra quem trabalha todos os dias, chega em casa tem que conferir trabalho de casa, tem que ver se o uniforme da criança está limpo, se meu uniforme está limpo, é muita coisa, você acaba "e caramba deu a hora do treino", ou você sai daqui correndo e chega lá em cima da hora ou gente fala "cara vou mais não, vou ficar em casa e já ajeito a comida pra amanhã, que amanhã eu trabalho o dia todo", entendeu? Então assim, é se dividir, não sei se especificamente a classe máster, mas é se dividir entre se dedicar à atividade e ao resto da nossa vida né? (V3).

Diferente do estudo que aponta como principal dificuldade das judocas em permanecer na classe veteranos as questões relacionadas aos aspectos financeiros, às mulheres somam ainda funções culturalmente atribuídas à elas com as atividades domésticas, conceituadas como Divisão Sexual do Trabalho, segundo Hirata e Kergoat (2007). Para as pesquisadoras, os reflexos da sociedade patriarcal, ainda atribui aos homens e mulheres diferentes obrigações dentro de casa, onde mulheres cuidam de filhos e devem servir ao marido, enquanto os homens são os provedores e suas funções estão junto ao trabalho fora de casa. Mais recentemente, também observamos comportamentos que destacam a divisão sexual do trabalho entre lutadoras e instrutoras de jiu-jitsu no estudo de Bernabé (2021), que observou que ainda há assimetrias de gênero e criam um ambiente hostil para as mulheres, as posicionando "fora do seu lugar" quando praticando um esporte de combate.

Ficou evidente que o judô feminino na classe veteranos é um pequeno grupo de sujeitos, considerando que suas particularidades representam um microcosmo social na perspectiva de Mills (1970), tendo em vista a função pragmática destes grupos, que se caracterizam pelas escolhas de efeito decisivo sobre a história das comunidades em que estão sujeitas, assim como a dinâmica social influi na maneira de viver dos indivíduos. Neste sentido,





estas mulheres, por terem constituído uma trajetória anterior ao judô veterano, possuem um amadurecimento que lhes permite lidar com as pressões sociais oriundas da estrutura sociocultural machista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora estas mulheres entrevistadas apresentem narrativas diferentes quanto às categorias aqui apresentadas, o objeto judô é o núcleo central de suas narrativas de vida. Há consensos em relação ao quanto o judô contribuir para suas vidas pessoais, para além da vida profissional, uma vez que nem todas tenham como principal fonte de renda o judô, mas como principal motivação para manter suas vidas ativas física e mentalmente.

Por todo o exposto, este estudo nos deu pistas de como sucedem as regras, normas e condutas gerais das maneiras das mulheres judocas para enfrentar as realidades sociais, sobretudo em se tratando de grupos que ainda vivem uma ordem social construída culturalmente para subalternizar a mulher e reforçar estereótipos de feminilidade.

Ao analisar as narrativas das judocas veteranas do Rio de Janeiro, se observa que elas sintetizam as representações das identidades presentes no judô feminino deste Estado. Embora elas tenham aderido ao judô em um período já legitimado deste esporte no Brasil, suas permanências estavam atreladas ao combate a preconceitos de gênero que foram desconstruídos ao longo de suas conquistas nas competições. Além disso, o apoio da família também foi preponderante para que elas pudessem aderir e permanecer na prática, tanto no início, enquanto jovens, quanto na classe veteranos.

Diante das narrativas apresentadas, a maternidade para esta judocas, apresentou as duas faces da mesma moeda, quando levou uma judoca ao abandono do judô antes de voltar a classe dos veteranos, e a outra que conseguiu permanecer no judô mesmo grávida e lactante. O que mais uma vez nos mostra que o incentivo da família, no caso dos maridos, é relevante para qualquer uma das duas decisões, diferente do que ocorre com homens que podem até abandonar o judô, mas não por terem tido filhos e ter que amamentar ou sofrer repreensão da esposa.

A existência da classe veteranos de judô para as mulheres, mostra que a idade não é um fator limitante para a adesão à esta prática e em nível competitivo, assim como possibilita o retorno das atletas que são forçadas a abandonar o judô para preservar sua integridade física. Sendo recomendado que as federações reconheçam a classe sênior para faixas pretas





em circuitos competitivos paralelos, como o Circuito Rio de Janeiro, que não têm ranqueamento, com o objetivo de diminuir as chances de interrupção nos treinamentos ou abandono do judô.

Por outro lado, verificamos que os sensei tem um papel fundamental no resgate destas mulheres que acabam se afastando do judô pelos mais variados motivos, como, por exemplo, falta de apoio da família, falta de recursos financeiros, falta de condicionamento físico, divisão sexual do trabalho, dentre outros, que necessitam de mais investigação para serem compreendidos.

É preciso conhecer as mulheres na classe de veteranos levando em consideração a realidade de outros estados brasileiros e as condições e motivações em que estas mulheres aderiram, transitaram e permaneceram, sobretudo como estratégia de incentivo a eventos em nível nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, Adriana. "**Mulheres que lutam**": as narrativas de judocas brasileiras e a contribuição na construção da memória da modalidade. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2016.

BARA, Maurício; DELGADO, Safira; GUILLÉN, Felix. O abandono precoce no esporte competitivo. **Revista mineira de educação física**, v. 2, p. 528-533, 2005.

BARA, Maurício; GUILLÉN, Felix. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 22, n. 4, p. 293-300, 2008.

BERNABÉ, Ester Gomes. **Luta de mulheres!** Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho de instrutoras de jiu-jitsu. 2021. 189f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2021.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. 2. ed. rev. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Nobert. **A busca da excitação**. Lisboa, Portugal: DIFEL, 1992.

FEDERAÇÃO DE JUDÔ DO ESTDO DO RIO DE JANEIRO (FJERJ). **Regulamento 2020**. Disponível em: <<https://judorio.org/wp-content/uploads/2020/02/REGULAMENTO-FJERJ-2020-atualizado-11-02-20.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2021.





FRANCHINI, Emerson; DEL VECCHIO, Fabiano. Aspectos motores e ensino/aprendizagem do judô. In: FRANCHINI, Emerson e colaboradores. **Judô: desempenho competitivo**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2010.

GOMES, Euza. **Participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Quartet/ FAPERJ, 2008.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007

KANO, Jigoro. **Judô Kodokan**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2008a.

_____. **Energia mental e física**. São Paulo: Pensamento, 2008b.

MILLS, Theodor. **Sociologia dos pequenos grupos**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1970.

MOURÃO, Ludmila. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização**. 1998. 216f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

PEREIRA, Belinda Silva. Mulheres na quadra de voleibol: envelhe (sendo) e desconstruindo estereótipos. 2019. 80f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. In: SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 11. **Anais...** Porto Alegre, RS: Centro Universitário Ritter dos Reis, 2015.

SCHNEIDER, Willy Adolfo. A. **Memórias do judô master do Rio Grande do Sul (século XXI)**. 2012. 52f. Trabalho de Final de Curso (Graduação em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012.

SOUZA, Gabriela Conceição; MOURÃO, Ludmila. **Mulheres do tatame: o judô feminino no Brasil**. Rio de Janeiro: MAUAD X/ FAPERJ, 2011.

SOUZA, Gabriela Conceição e colaboradores. Rosiclea Campos no judô feminino brasileiro. **Estudos feministas**, v. 23, n. 2, p. 409-429, 2015.

WANDERLEY, Paulo Fernando Tenório. O judô no Rio de Janeiro: origem e trajetória. **Site judô tradicional Goshinjutsukan**, 2001. Disponível em: <<http://judotradicionalgoshinjutsukan.blogspot.com/2009/04/historico-do-judo-no-rio-de-janeiro.html>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Dados do primeiro autor:

Email: gabriela.souza@ifrj.edu.br

Endereço: Rua José Breves, 550, Centro, Pinheiral, RJ, CEP: 27197-000, Brasil.





Recebido em: 29/02/2024
Aprovado em: 06/04/2024

Como citar este artigo:

SOUZA, Gabriela Conceição de; TRIANI, Felipe da Silva; TELLES, Silvio de Cassio Costa. Narrativas das mulheres do judô veterano no estado do Rio de Janeiro. **Corpoconsciência**, v. 24, e.17235, p. 1-16, 2024.

